

Mborayú: sobre os seis meses em que vivi com o povo Mbyá

*Mborayú: about six months that i lived
at the Mbyá*

Viviane Fernandes Silveira*

Resumo: Minha formação e prática clínica em psicanálise freudo-lacanianana, assim como seus desdobramentos no campo da academia na área da educação, levou-me ao encontro do povo guarani. Das preocupações sobre o cotidiano clínico com elementos de ancestralidade em todos nós na cidade, as mesmas preocupações com o cotidiano do fazer universitário em terras não europeias, terminei por encontrar como melhor caminho a convivência com pessoas da etnia Mbyá para aprender sobre a existência, sua filosofia e perguntar sobre o que e como fazemos com o que chega a nossos trajetos profissionais todos os dias. O presente relato objetiva transmitir algo do encantamento e da resplandescência que a formação com povos tradicionais pode produzir, assim como de seus efeitos transmutativos.

Palavras-chave: Povos indígenas, formação, educação, psicanálise.

Abstract: My formation and clinical practice in Freudian-Lacanian psychoanalysis, as well as its developments at the academic field in the area of education, took me to meet the Guarani people. Concerns about the clinical routine with elements of ancestry in all of us in the city, the same concerns with the routine of college do in non-European lands, as done by finding best way to live with people of ethnicity Mbyá to learn about the existence, its philosophy and ask about what and how to do what comes to us in our professional paths every day. This description intents something about the enchantment and shinning that the formation with traditional people can produce, as well as transmutative effects.

Key words: Indigenous people, formation, pedagogy, psychoanalyses.

* Psicanalista, Psicóloga, mestre em Psicologia (UFRGS), doutora em educação (UFRGS), pós-doutoranda em educação no Programa de Pós-graduação em Educação Mesurado pela Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC-RS), através da linha de pesquisa Aprendizagem, tecnologias e linguagens na educação, vinculada ao grupo de pesquisa Linguagens, Cultura e Educação (LinCE) – UNIAC/CNPq, sob orientação da Profa. Dra. Ana Luisa Teixeira de Menezes. E-mail: xereramaviviane@gmail.com

Tenho quinze anos de caminhada clínica e dois de convivência com o povo guarani. O trabalho freudo-lacaniano busca uma travessia para aquele que se dedica a sua análise onde localizamos uma cena mítica, sempre particular, na qual está uma estrutura que serve para a tentativa de darmos conta das questões primordiais, da origem e da finitude, o sexual e a morte (LACAN, 2011).

Acreditamos que ao localizar essa estrutura e realizar por ela uma travessia, deparando-nos com a dimensão da castração simbólica, como nos ensina Zuberman (2013), aciona-se assim a usina do desejo. Ele dá o exemplo de Borges, que dizia amar a língua inglesa, tendo a ele, no entanto, cabido o espanhol do rio da Prata (SILVEIRA, 2013).

Como me ensinaram a expressão, os guarani, “nasceu para isto”, nomeiam assim o caminho que localizam enquanto aquele específico de cada ser. Balbo nos dizia, há alguns semestres, em Porto Alegre, o analisante vem ao analista buscar o seu destino (BALBO, 2012).

Meus caminhos de análise me levaram aos povos originários de nossas terras platenses. O universo me levou aos guarani. A ligação sensível que localizei com o mundo Mbyá revelou-se tão importante que esta se tornou minha escolha, indo assim, para além das preocupações dos trabalhos clínicos e com olhar atento aos movimentos ligados à ideia do pensamento descolonial. Assumi um compromisso com os detalhes das possibilidades de sentir, dialogar com a vida e com a cura que esse povo milenar sustenta.

Durante meu trabalho de doutorado, após longos trilhamentos sobre a questão do bebê, da constituição psíquica, busquei por um tempo, interrogar sobre o problema do nascimento no Brasil na atualidade, o tema da subjetividade na cultura e fenômenos, por exemplo, ligados aos impedimentos para nascimentos dos bebês sem passar por intervenções cirúrgicas, levando nosso país ao posto de campeão mundial das cesarianas. Nesse período, busquei orientações e diálogo com Dra. Maria Aparecida Bergamaschi e, em seguida, os estudos da obra de Rodolfo Kusch, por ela coordenados.

Kusch, em sua extensa obra sobre a lógica de pensamento originária do continente em que habitamos, introduz e sustenta uma posição de que, através e somente através de um olhar e a devida apropriação dos elementos constituintes de nossas ancestralidades, temos condições de produzir pensamento, cultura, sociedade, saúde, educação, filosofia e assim por diante, de outro lugar que não o de eterna colônia. Ele nos presenteia com tamanha abundância de riquezas e dádivas das lógicas de existir das origens pré-colombianas, que inunda e revoluciona irreversivelmente as vidas de quem se aproxima de suas páginas.

Esse contato me levou aos guarani. Inicialmente, visitava uma comunidade com frequência de uma a quatro vezes na semana. Colaborava em projetos e diálogos com ações e questões do cotidiano da comunidade e do mundo urbano, mas, sobretudo, caminhava para exercitar e viver o “estar aí”. Estava para contemplar, para ir, delicadamente, vivenciando outras possibilidades de atenção, concentração, sensorialidade, inteligência, entendimento, desejo e vida. Ao final de um ano e meio dessas trocas, decidimos – eu e a comunidade –, que seria adequado eu residir por um período com eles.

Desocupe o apartamento em que vivia até então na cidade, condensei os horários de atendimento do consultório em um espaço de tempo que me exigisse, no máximo, passar uma noite por semana na cidade, me desfiz de objetos e me mudei.

Construímos, na aldeia, uma casa em estilo guarani. As frestas, a verdade da arquitetura e os escultores que a fizeram me diziam, ser mais segura do que as casas feitas pelos brancos, me edificavam os recursos para me preparar para atravessar o inverno que se anunciava rigoroso. Ele veio e foi também de muitas tempestades. Mas o fogo, o qual dizem os guarani, é suportado pela aldeia, lugar onde se constrói a vida e se pode ser quem se é, me era ensinado a fazer várias vezes ao dia e, conjuntamente com os detalhes que nomeamos aqui, começaram a posicionar os elementos para aprender mais e mais.

É muito interessante que não apenas nos últimos dez anos, mas atualmente e, pelo que nos parece, pelos anos vindouros, o lugar onde eu tenha me construído academicamente, tenha sido primordialmente junto a grupos de pesquisa da Educação. Invariavelmente, nas falas, nos textos, nos projetos, nos trabalhos de modo geral, escuto me pontuarem, “és do campo da psicanálise, é importante situar bem em teus escritos a ligação com o campo da educação”. Na educação, para pensar a constituição psíquica, na educação para pensar a ancestralidade, para tratar da descolonização e para refletir sobre a cura.

Lacan nos aponta algo sobre essa questão. É na educação de uma criança que se dá o enodamento dos registros do Real, Simbólico e Imaginário, quando então há a edificação de recursos para seu funcionamento, para cumprir sua missão de viver, na expressão de Sara Pain (1999). Lembra o ensinamento nas palavras de Santo Agostinho sobre ensinar, ensinar, fazer signo, fazer marca (LACAN, 1996).

No campo da prática da psicanálise, sabemos bem que, quando uma análise funciona, a figura do analista, propriamente, grande parte do tempo não se presentifica para o analisante. Quando isto ocorre, resta um obstáculo estratégico a ser atravessado em nome da cura. Mas, quando funciona bem, ao final, o analisante esquece. Ele se esquece do analista e, daquele lugar enquanto

algo ao qual está atrelado para tratar de suas questões. Ele passa a operar no universo, desfrutar de suas verdades e responsabilizar-se por seus passos.

Os guarani são muito firmes em dizer que, em sua lógica, não devemos buscar fragmentar, categorizar, dividir os campos do conhecimento. A educação é o que sustenta a saúde. A alegria e a vida são as leis mais altas. O riso é o indicador nas reuniões realizadas para decidir, junto às lideranças, sobre questões políticas e da formação de cada um, de que as decisões estão sendo tomadas corretamente.

Frequentemente precisam me lembrar de escrever ou dizer no que, enquanto psicanalista, agora com os guarani, meu trabalho está ligado à educação.

A educação, como o chimarrão dos Mbyá, a força das palavras que circulam entre os que ali o desfrutam, o que os faz falar, pensar, saber. A educação é lugar que deixa de se presentificar, esquecemos frequentemente de nomeá-la por ser o próprio lugar da formação, da educação profissional e do ser, que pode fazê-lo operar com suas verdades.

Pois bem, quando decidimos, a comunidade e eu, que seria importante eu receber ensinamentos sobre o modo guarani, a cura, se assim precisava isolar os termos, estava em questão. No entanto estava claro que o coração da minha formação ali era receber ensinamentos, educação de acordo com o modo guarani de *ensignar*.

O cheiro da fumaça era ensinamento, o modo de sentir o frio, a fome, o entusiasmo, as perguntas, o corpo, o caminhar, tocar a terra, receber e fazer endereçamentos das crianças, das mulheres, dos jovens, dos homens, um universo de aprendizagens se abria para um nascimento de lógicas e trançados subjetivos, desconstruções e edificações simbólicas começavam a tomar forma.

O relato que trazemos aqui objetiva apresentar algumas dessas passagens em sua força e resplandescência, encantamento e coração tal qual acontece quando nos aproximamos desse povo tão antigo quanto indestrutível e que, junto com teóricos e alteridades dispostas a construir novos rumos de pensamento e práticas também profissionais, transformam inexoravelmente e nos tornam possíveis novidades melhores e mais situadas em nosso solo.

Do início

As leituras de Rodolfo Kusch começaram durante o percurso do doutorado. Há muito me interessava por uma aproximação com pessoas de grupos de povos originários, inquietavam-me as ressonâncias clínicas com sinais de

haver muito mais do que uns poucos traços invisíveis e mitos ou fragmentos das culturas originárias em nossa subjetividade do que meus estudos nos textos de autores europeus poderiam me assegurar.

Muitas pessoas da cidade passaram por meu consultório, umas mais outras menos, deixando marcas para, a meu critério, serem revisitadas, reconhecidas ou não sobre essas questões. Um menino em grave fechamento autístico que recebi em atendimento por nove anos, com traços físicos inconfundíveis, fazia danças circulares e sons guturais de arrepiar, além das percussões como alguns dos poucos meios de arriscar contato e aproximação. Mulheres que, com seus longos cabelos lisos e escuros, traços fisionômicos misturados, asseguravam-me que estar perto da natureza, ter tempo para as higiens espirituais e para o silêncio era mais importante do que o dinheiro para comprar coisas. Jovens que preferiam tratar de temas ligados à paisagem e filosofias cosmológicas sobre a existência, às queixas mais cotidianas do que parece ser do individual. Fui encontrando muita gente que, com delicadeza, foi me conduzindo para a contemplação do tratamento da alma no território platino, que, nesse caso, apesar de ser herança estrangeira e, quem sabe, com a ética que desejaram Freud e Lacan, abriram sulcos no planeta para que se pudesse treinar a audição mesmo nas antigas colônias para comprometer-se com elas mais adequadamente, inclusive no social, na política, na educação e nos encontros com as culturas recusadas em cada um, na área da saúde mental, também.

Em busca de parâmetros originários

O nome da comunidade onde residi, Tekoá Anhetengua, Aldeia Verdadeira, tornou-se significativa central no caminho das consequências dos encontros com essa formação. De um lado, havia a gana por localizar vetores que ensinassem sobre aspectos milenares e bem sucedidos, no âmbito da eficácia simbólica, facilmente detectáveis no cotidiano da subjetividade daquele povo. De outro, minha demanda era por ter condições de enxergar rumores destes nas raízes e veias silenciadas de todos nós, em seus retornos intermináveis e persistentes, insistentes, resistentes e que aparecem (TASAT, 2013), inclusive naqueles que chegam aos espaços para tratamento dos consultórios de psicanálise. Digo, daquilo que não podemos seguir recusando em nossos modos de ler e intervir no outro e em nós mesmos, das lógicas de pensamento, os fragmentos míticos, as provas na linguagem cotidiana, nos nomes de cidades, de ruas, de empreendimentos capitalistas que, em suas supostas pavimentações das avenidas e construção de impérios industriais,

não conseguem impedir que as nomenclaturas dos donos daquelas terras apareçam nas placas ou ressurjam entre os títulos de seus empreendimentos, ainda que compremos COCA-cola e utilizemos os serviços do ITAU sendo a profundidade destas palavras raramente lembrada.

Será que fomos suficientemente educados para escutar e sentir esses rumores que vêm, quando alguém que nos fala, na dimensão da profundidade própria dos sulcos da linguagem, na superfície? Que nível de vivências na constituição de nossos corpos, origem de recursos de percepção, cognição e emoção tivemos em nossas construções de casa às instituições de formação profissional para acolher, reconhecer e dialogar com essas vozes?

Entre os guarani, rapidamente compreendemos que toda a questão para a entrada em quaisquer aspectos de sua cultura passa por deixar-se marcar, educar-se em seu modo de ser. Ela está na superfície, no detalhe, em tudo, na forma como servem e fazem e para que circula o chimarrão, na maneira como cuidam do excesso do olhar ou qualquer outro, no modo como lidam com a limpeza. Cada um e todos os detalhes levam a sequências de história, filosofia, cheios de mistério e silêncio, revelam os segredos mais valiosos das razões pelas quais são quem são.

Nesse sentido, a educação do corpo, de tudo que passa pelo corpo, era aspecto essencial das vivências. Ir aos poucos abandonando os horários de refeição da cidade, as quantidades, variedades e qualidades conhecidas, entrar em outro ritmo para higienização da mente, horários para o sono, relação com a água fria do banho no inverno, aprender a sentar e permanecer ali por horas, nos tocos de árvore ao redor do fogo, foram importantes pontos de partida.

Raramente temos a oportunidade de chegar a elementos tão originários de nossa constituição pulsional. Como ordenamos a fome, a sede, o sono, ou entendemos a limpeza, precisamos do som das palavras. Como foi mesmo que aprendemos a saborear o alimento, servindo-nos dele com as mãos ou com colheres exclusivamente? Que gosto tem o repartir pequenos pedaços? O que nos ensina a intensa fumaça nos olhos? Como é mesmo que construímos um saber para lidar com a diferença sexual? Como é ser uma mulher na cultura guarani, ainda que não tenha nascido ali?

Caminhar com leveza, poder e alegria, acordar o pensamento com o mate, centenas de horas de aprendizagem com o silêncio e o cheiro da fumaça, esquecer-se da gula, saborear o prazer de estar, a força de sentir-se acompanhado e conectado ao ambiente, à estética, ao idioma milenar, aprender a detectar à distância cada dono dos passos pelo modo de pisar na terra. Aprender a receber das vozes da natureza os sinais espelhados dos próprios saberes insabidos. Aprender a agradecer a cada instante pela oportunidade

de ter encontrado seres tão particulares e sua potência de nos revelar magias e encantos do mais fundamental aspecto da vida. A vida.

O que pude aprender é que, para esse povo, tudo é importante e, ao mesmo tempo, nada é tão importante assim. Ao nos deixarmos levar por seu modo de ser - a entrega é fácil e inebriante - esquecemos com rapidez a fome por pratos cheios. Esquecemos a voracidade por falas cheias de frases que levam longos minutos para dizer uma ideia. Tudo que emergenciaría comumente na cidade, ali cai. A urgência é pelo estar, nos termos de Kusch (2000). Sentir, silenciar, contemplar o universo (fora e dentro é o mesmo). O “eu” se apazigua, o amor aumenta e o coletivo nos leva para noções mais altas e mais delicadas. Às vezes, parece que tudo brilha, tudo faz sentido, como quando estamos apaixonados, nas palavras de Didier-Weill (1997).

Então o corpo passa a pulsar em outro lugar, em outras bordas. A boca, o controle, o sexual, o desejo de “ser”, de mostrar que temos e somos, deslizam para outros níveis. Eles não somem ou deixam de ser sagrados, somente passam a ter acima e em tudo que os atravessa, como que um motivo maior, uma emoção que fortalece sem cessar com o encanto de estar junto. Assim o que seria simples, os contornos das sílabas deslizam para associações e revelam sentidos sutis das palavras, o humor torna-se mais fino, a perplexidade diante da natureza e da vida alcançam possibilidades raras. A percepção se aguça, o investimento e o gozo com estes outros caminhos do pensar rearranjam os percursos da alma. O ritmo da fala vai entrando na cadência Mbyá. E, de pouquinho em pouquinho, nossos contornos guarani começam a ressurgir, e mal podemos acreditar no afloramento de tanta beleza. Os gestos começam a aprender a dançar no andamento das gestualidades do entorno. O modo de olhar, rir. Vamos sendo marcados, imitando, nos identificando, nos orgulhando de ser um pouco mais como aqueles outros. Vamos passando a celebrar por reencontrá-los em nós no que era mudo e no que aprendemos pela primeira vez, eternizando aqueles laços em registros corporais, vocais, modos de vestir, de limpar, de receber o mundo, o outro.

Voltar à cidade, depois disto e servir-se em um restaurante ou ver pessoas servindo pessoas vestidas com suas roupas de subalternos é uma visão um tanto violenta. “Comer para valer”, comer sem repartir, limpar-se até perder o cheiro da fumaça que sustenta tantas representações, não escutar mais os pés na terra, os animais na paisagem sonora, as tempestades e as vozes das crianças em guarani é forte. Começamos a compreender que esvaziar os pratos, as malas, os bolsos, as palavras da boca, os ímpetos de ter, pode ter alguma relação com que o esvaziamento da existência, da ligação com o sagrado, com a solidariedade, com a dignidade e fidelidade à ética da vida, raramente ocorra em povos originários. Voltar para os sintomas ocidentais, as

queixas de sentimentos de tristeza sem maiores motivos aparentes, angústias com a competitividade, ódios intermináveis a traumas inesquecíveis, passa a escancarar o que já disseram certa vez. A doença psíquica se dá no laço com a cultura em que ocorre. Aqui todo mundo é muito tranquilo, me disse o líder muitas vezes. E o que surge de dificuldade, por tudo o que vi, eles costumam resolver subjetivamente com sucesso. Não se estendem em queixas. Mas têm, com certeza, motivo para ressentimento com os euro-descendentes. Particularmente tenho uma hipótese de que, nesse ponto, somente o transgeracional pode operar mais efeitos. Coisas que não se resolvem no divã. Elas precisam do social e alguns séculos de novas práticas nos laços humanos para deslizar.

De modo algum se trata de idealizar uma outra cultura a perder de vista. Aliás, em discussões, na academia e no cotidiano de modo geral, que tenho podido acompanhar após esse período de imersão maior, o ponto de chegada está nas interrogações sobre as muitas ancestralidades que banham a América. As reflexões encaminham-se por perguntar sobre que parâmetros de universalidade para as condições humanas de viver, estivemos deixando ao longo dos séculos para trás, tendo como consequência tipos variados de dizimação e sintomas a granel para qualquer um experimentar.

O corpo que se sente criando densidade ao se conviver com um povo originário é consistente em tranquilidade, porque aprendemos a nos concentrar nas metáforas mais puras e imediatas da vida e seus limites, dialogar com elas todo o tempo. Ele ganha bordas firmes e apaziguadas da angústia porque recebemos lugar em uma coletividade situada em uma linhagem, tradição, linguagem e filiações de muitos milênios. É evidentemente de uma força que minimiza o imediato, dentro do qual situamos tão comumente o individual exclusivista e tirânico. E essa força vital é resplandecente em alegria, em celebração da possibilidade de estar vivo, de estar com, de contemplar milagres.

Certo dia de muita chuva e frio, duas crianças guarani atravessavam a comunidade com pouca roupa e montadas em uma haste de abajur, um cavalo. Uma segurava um guarda-chuva quebrado, e a outra tinha em sua cabeça a cúpula do abajur, um chapéu. Elas passavam por mim que ainda não havia conseguido se esquecer da chuva, e das poças, e da lama enquanto transtorno, sorriam em meio ao seu roteiro particular. Falavam sua língua, riam muito. Inundavam de alegria com o encanto no qual estavam imersas e que as fazia, com toda a poesia possível, deslizar pela aldeia completamente fora da cena de dia concretamente úmido que eu via até então. Elas desfilavam e, em meio a sua brincadeira, consideravam minha presença cinzenta, pontuando com comentários, olhares e pequenos chamamentos a graça do que estavam vivendo, tentando contagiar-me. Chamavam-me para o seu sonho.

Esta bem como incontáveis outras passagens foram construindo memória corporal. O frio, a umidade, o calor do fogo, as misteriosas intervenções do vento e dos raios, as marcas na terra. O corpo era a aldeia, era a natureza, a língua Mbyá, o silêncio, outros ritmos, o gosto do chimarrão. O banho frio, a importância do lavar o rosto com água gelada pela manhã, tão enfatizado pelos guarani, ia virando, torcendo, fazendo carne e espírito.

O banho gelado, custou-me um tanto transformá-lo, mas o respeitava desde o princípio porque percebia que guardava algum segredo importante. Mas fugia dele e escutava dos guarani, incontáveis vezes, sobre como ensinaram os europeus a serem mais higiênicos. Atravessá-lo enquanto ritual de empoderamento foi um dos pontos altos.

De início não entendia como conseguiam e porque o valorizavam. Fui entendendo aos poucos. Escovar os dentes na torneira no meio da aldeia, lavar o rosto, me ver sendo vista buscando uma jarra d'água para a higiene, caminhando mais parecido com as mulheres guarani. Desejava aprender seu charme. Então eu sentia que me reconheciam, até se espantavam positivamente. É claro que, então, fazia de tudo por sentir aqueles olhares e lugares novamente.

Havia um menino que, por aquela época, estava aprendendo a tomar banho no inverno. Não tinha dois anos ainda. Todos os dias a mãe o tomava amorosamente em seus braços, quando o sol do meio-dia estava mais forte, sentava-se com ele e a bacia ao sol. Começava a lavá-lo. A criança de início chorava muito. A mãe acolhia com firmeza e carinho seu pranto. Parecia, em seu silêncio denso e acolhedor, dizer a ele que entendia que aquilo lhe estava custando algo, mas que era preciso aguentar. Com o passar das semanas, a criança chorava menos. Até que não chorou mais. Passou a brincar.

Todos os dias, quando ia ao meu banho gelado, após acordar e, às vezes, me deparar com a grama coberta pela geada ao ir buscar gravetos para o fogo, logo cedo, me amparava nas imagens daquele menino, chegando, às vezes, a dizer palavrões para suportar. Mas, ao longo das semanas, passei a sentir alegria por conseguir atravessar a aldeia e sair ao vento com os cabelos molhados, vista por todos os outros que também tinham cabelos molhados. Comecei, então, a sentir outras camadas do banho frio. Ele fazia a pele aquecer rapidamente; renovava: ele funcionava como uma prova, quase uma brincadeira. Ele me situava mais naquela cultura. Ele me trazia reconhecimento e amor.

Ao final do inverno me ofereceram a possibilidade de instalar fiações elétricas para água quente. Recusei.

Eu havia aprendido a tomar banho.

Kyringüé, as crianças

Tínhamos muitos rituais de trocas. Minha entrada na aldeia a cada vez que saía e voltava do mercadinho nas proximidades era o momento para um deles. As crianças – que, não raro, pululam como vagalumes pelo corpo da comunidade, povoando-a de raro encanto, em outros momentos nos colocando em dúvida sobre o que são árvores e o que são crianças de cabeça para baixo nelas penduradas –, quando me avistavam na entrada, avisavam-se em delicados gritos: “Viviana!” “Xenorá!” Xenora’í!” e punham-se estrada a baixo a correr em número que aumentava quanto mais eu me aproximava.

Corriam com força, em bandos e vinham para pendurarem-se em meus braços, me abraçar e levar-me para dentro da aldeia. Moedinha? Café? Bolachinha? Perguntavam com os olhinhos tão amorosos quanto quando eu dizia que não tinha. O que elas queriam era apostar corrida e celebrar juntas.

Costumavam me fazer visitas nos mais diversos momentos. As muitas flores que me traziam diariamente, duravam sempre mais tempo do que poderia contar. Ocupavam-se dos meus livros, fotos e me traziam também DVDs. Certa vez, permaneceram até a madrugada sentadinhas, repartindo em muitas as poucas cadeiras que eu tinha. Compenetradas, me mostraram uma a uma suas músicas favoritas, sem deixar os assentos, cantando cada uma delas com as vozes que somente as crianças do coral guarani podem fazer. “Fico assim sem você” era uma das favoritas e, certamente, a cena mais tocante que levarei da vida. “Eu amo você”, certa vez me disse uma delas.

Outro dia, em meio às escovas, espelhos e comidinhas, crianças e bebês corriam, se escondiam, jogavam baralho espanhol. Fazia muito frio. Enquanto lutávamos para o fogo do minifogão à lenha manter-se forte, elas iam buscar mais lenha, os jovens atualizavam perfis no Facebook, com internet difícil, festa na casa da Xenorá. Em um piscar, oito horas passavam.

Sempre foram as crianças as grandes anfitriãs da comunidade. Desde a primeira vez que lá estive, dez ao meu redor, era o menor número que contava. Eram sempre muitas, festivas, brilhantes, alfabetizantes, tradutoras, intermediárias, cuidadoras, atentas, gentis, generosas, artistas, recortavam a paisagem do universo para me fazer enxergar no mundo das muitas formas de vida, o mistério dos insetos, a felicidade de carregar bebês no colo, de brincar com os filhotes de gatos e cachorros, com o macaco. Como compartilhavam tudo umas com as outras. Como cuidavam dos cabelos. Como se elogiavam sempre e davam amor como a natureza apresenta vida a cada instante e interminavelmente.

Nunca vi uma delas se acidentando, se descuidando, agredindo, desrespeitando qualquer limite importante. Mais ordenadas do que uma orquestra, mas com partituras e maestro invisíveis. Era a lógica de pensamento que sustentava seu povo há milênios.

Kunha kuéry, Ava kuéry, mulheres, homens

Os adultos

É tocante compreender que, na tradição originária, as crianças, ao final da infância, começam a ser preparadas para a idade adulta. Durante muitos dos ensinamentos que recebia nos seminários de idioma e cultura Mbyá na universidade, nosso professor nos chamava atenção para a diferença, sobretudo, do comportamento dos jovens da cidade e aqueles das comunidades guarani. Ele salientava a concentração e o tom sério com que os jovens de sua cultura atravessavam esse período, quando se deparavam com o momento de construir família e receberem sabedoria para depois retransmiti-la.

Meninas e meninos carregando bebês no colo ou levando-os para passear nos carrinhos, em altos níveis de celebração, são cenas comuns. No entanto, quanto mais próximos da puberdade, mais se inflam de um certo orgulho e demonstrações de empoderamento que se revelam nos gestos mais precisos e ágeis, sinalizando que “já sabem”. É assim que deitam os bebês em cobertas ao sol, cuidam de sua aparência, de seu humor e banham-lhes no idioma e nas vocalizações e gestualidades lúdicas do guarani.

Aliás, é impressionante ver o quanto os bebês são tratados com imensa alegria e estão sempre fazendo parte de tudo, e como raramente entram em angústia. A sensação, ao contrário do que é comum no ocidente, é de que jamais incomodam. Não dão trabalho. Estão. Estão como todos e todas.

As rotinas do amanhecer entre os rumores da natureza e o silêncio com o qual a vida nos presenteia, desde que não acabemos com ele, incluem a plasticidade visual do caminhar discreto das pessoas pela aldeia. Delicadíssimas, ocupam-se dos próprios passos. Educadíssimas, atentas ao tom de demanda dos que por elas passam em sua necessidade de cumprimentar ou não. Que festa de sutilezas, este povo.

As mulheres lavando a louça, mais tarde, a roupa, varrendo o pátio, o preparo do alimento. Ocupam-se todos os dias cedo do que seriam gestos banais, simples ou quase sem importância nas correrias da cidade e que, não raro, talvez pudessem ser sentidos como o que é trabalhoso e enfadonho.

Mas ali é tudo mágico. Roupas, cabelos e labaredas ao vento: a limpeza dos pratos supostamente simples ensina que podemos fazê-la sem obsessividade e mais livremente, desde que o que nos norteie não seja a esterilização. Certa vez, a professora Maria Aparecida, ao me visitar na aldeia, deixou cair na terra um pedaço do que estávamos comendo. Soprou-o e levou-o à boca. Sujo de quê? Ensinou-me ela. Sujo de quê?

As lidas cotidianas cheias de graça e importância também vão situando o corpo, a limpeza, os cuidados e o que não teria tanto valor, (quem sabe até deveriam ser feitas por subalternos?), em um nível de compromisso com a vida, momentos de concentração, funções que marcam as diferenças sexuais, e sempre, sempre embasadas em fundamentos filosóficos, densos de importância. Nós parecemos simples, mas nós não somos, me avisaram certa vez.

Afazer cotidianos em harmonia com o universo, profundo respeito ao espaço de cada um, alegria em estar vivo e naquela coletividade.

A paisagem sonora da aldeia é sempre embalada por risos, risos que somente os guarani sabem cantar. Na mesma clave do colorido único das roupas no varal, na estética das casas e dos corpos, do idioma marcado na cadência tão autêntica, do brilho das almas que nos chega aos olhos. Não lembro bem quando comecei a enxergá-lo. Mas os guarani têm uma luz no olhar que é somente deles. Dizem que são almas diferentes. Eu afirmaria o mesmo.

As mãos trabalhando nas cestarias, as mulheres, nas esculturas, os homens, vão fazendo trama simbólica firme e perfeita, marcas e contornos no mundo das visibilidades. Os gestos com gravidade e leveza, prosseguem por muito tempo, falam como as notas da partitura, cheios de complexidade e de significado rarefeito. Vão percorrendo a cadeia simbólica de cada um e nos conduzindo pelos devaneios pessoais. Se Didier-Weill (1997) ensina que as notas musicais são o modo mais próximo da dimensão do significante puro, modelo para a escuta do analista, em sua ética de não atribuir julgamento de significado ao que lhe chega aos ouvidos, o artesanato guarani se comporta do mesmo modo, ao pé da letra. Eloquente, exclusivo, mostra outros lugares possíveis para a atenção, a ocupação, o fazer, a dedicação, os detalhes seriadados na tradição. Exigem, permitem, embelezam. Fazem pensar, levam ao que couber às memórias e à imaginação de cada um.

As mulheres eram muito acolhedoras. Recebiam-me em seus rostos, olhar, silêncio, maneiras peculiares e delicadas de sinalizar que aceitavam minha presença, alegravam-se também com ela, ainda que para isso não precisassem permanecer olhando diretamente, falando, falando, falando. Um dos pontos mais comoventes para mim, sempre foi dar-me conta de que, de um lado, ao longo de muitos meses, poucas frases trocamos nos moldes ocidentais.

No entanto eu entendi tanto sobre as muitas outras formas densas de se estar em posição de troca com o semelhante, que, ao retornar para a rotina urbana, sinto todo o tempo um imenso orgulho de retransmitir isto aos meus pares. É engraçado. Eles ficam meio desacomodados, por vezes, de início, mas logo em seguida, eles entendem. Eu não preciso explicar muito.

A graça do estar, estar com

Atitude que fortalece o espírito. Nos ata de uma tal maneira à vida e ao mundo que a lembrança das mazelas se desfaz significativamente. É impressionante o que se pode sentir quando nos entregamos à lógica de pensamento originária, ao modo de ser guarani. Civilizações do sentir, talvez pudessem assim ser chamadas.

As mulheres eram atenciosas comigo. No chimarrão, em alguma dificuldade que eu tivesse, muitos modos sutis de demonstrar solidariedade e amabilidade. As jovens, por vezes, vinham a mim para contar comigo nas construções de perfis no Facebook, utilizar minha câmera fotográfica para produções que colocavam na internet, às vezes vinham, sentavam, elogiavam a casa. “É linda sua casa”. Tomavam mate, acompanhadas dos bebês. Riam, sorriam, estavam. Voltavam para suas casas.

Descobrimos que meus dois aparelhos de alisar e dois outros de fazer cachos nos cabelos eram também objetos excelentes para celebrarmos a convivência. Avisei a comunidade dos meus dotes para cuidados com a estética. Por vezes interrompia atividades de acompanhamento de assuntos de organização da aldeia e questões políticas, ou até mesmo alterava algum horário de compromissos meus fora dali quando me solicitavam para os penteados. Certa vez me dirigi ao líder para comunicar que precisava parar o que estávamos fazendo porque uma das meninas havia me pedido para cuidar dos cabelos, ao que ele me respondeu: “Podes ir. Isto também é muito importante”.

A sensibilidade e a atenção com tudo e com todos é uma marca dos Mbyá. Da reação que temos aos insetos, onde também está Deus, à habilidade de força e persistência de uma criança pequena para conseguir inflar um balão. Da concentração nos modos como os brancos vivem sua política, sua limpeza, suas demoradas refeições à comum atitude de não agradecer a Deus antes de demais agradecimentos, são ensinamentos constantes. É assim que são sábios. Sabem ler os sinais da alma nos detalhes mais leves, enaltecem as qualidades e são rigorosos na crítica. É muito importante ressaltar que as falhas, as faltas, elas são olhadas, mas por mais sérias que sejam, jamais reduzem a pessoa a elas. Elas não produzem exclusão. Elas não desqualificam a condição humana.

Os professores da comunidade foram figuras centrais na minha chegada, recepção, ambientação e construção de trocas mais verbais. Especialistas em sua cultura, pesquisadores e educadores por excelência, alfabetizavam meu cotidiano guarani, os parâmetros mais importantes para cada situação que se apresentava. Os ensinamentos vinham, mais frequentemente, nos intervalos das atividades e dentro da escola. Horas de falas com vozes tranquilas e potentes, situavam os valores da educação para as crianças e para todos.

As inesgotáveis metáforas da relação com a plantação e a natureza, o lugar do silêncio, dos sábios. As diferenças do viver na aldeia e na cidade. Práticas do despertar das famílias, da sacralidade da língua, questões com o nascimento, com a limpeza da aldeia em relação com a espiritualidade. Certa vez, após a construção da minha casa ter sido feita, ainda havia resto de material, que foi utilizado na obra, ao redor. Por vezes brinquedos, plásticos, roupas, enfim, ficavam ao redor em função de que isto ocorre em toda a aldeia.

Um dos professores coordenou uma atividade para a turma das crianças. Elas deveriam ir até o pátio nas proximidades da minha casa com enormes sacos de lixo e limpá-la. O endereçamento era claro. Eu já havia escutado que eu deveria aprender a limpar o pátio. Mas não havia parado, em meio às muitas outras questões das quais estava tendo que dar conta nas minhas adaptações, para pensar o que deveria eu fazer com as telhas que deixaram ali. Fiquei desconcertada como poucas vezes na vida. Em seguida fui presenteada com uma guloseima. Para acalmar-me.

Estranhamente, após esse episódio, muitas crianças que ainda não se aproximavam de mim, passaram a fazê-lo. Certamente passei por algum batismo.

Ensinamentos tradicionais

Quando finalizei minha tese, e Cacique José Cirilo Pires Morinico propôs que eu pudesse aprender sobre cura, e construímos caminhos para diálogos sobre a saúde, de início e mais uma vez, me descentrei bastante quanto ao que seria das minhas ligações com a psicanálise clássica e as aprendizagens xamânicas. Senti de imediato que ainda que não conseguisse dizer muita coisa sobre o que se daria ali, que estaria encaminhando algo muito sério e importante.

Do lado da psicanálise, o conselho que recebi foi de que eu avançasse. Que grandes contribuições para a clínica viriam.

Cacique Cirilo foi quem se encarregou de autorizar minha presença na comunidade, na convivência com as famílias, nas viagens, das muitas atividades de cunho político e nas orientações sobre a vida, a saúde, a dimensão

do espiritual. Dedicava muitas horas a estes caminhos ou sugeria que suas filhas, filhos, esposa, irmãs ou demais pessoas da aldeia em muitos momentos se ocupassem de mim. Eles me conferiam outro lugar, outra existência. Eu mal podia entender o que se passava.

Minha casa ficava em frente ao campo de futebol. Aos finais do dia, via os homens, às vezes, eventualmente as meninas também jogavam, em suas atividades esportivas diárias. Futebol guarani talvez merecesse receber outro nome. Talvez futebol espiritual guarani. Aquilo mais parecia uma dança. Ao longe, o que geralmente já é bem visível ficava muito enaltecido. A leveza dos corpos, a genial maneira de realizarem tudo aquilo sem jamais se esbarrarem. Alegria, celebração, para a saúde e a vida, como me ensinaram, não para ganhar dinheiro ou para a escravidão capitalista.

Sempre tão alegres. Sempre tão tranquilos. Sempre tão perto de Deus.

Estar perto do líder, que também é líder espiritual e de todos era uma honra que eu não havia chegado a sonhar para meu caminho. O bem-estar era incomparável. Aos poucos, eu parecia estar me tornando realmente outra pessoa. Tinha dificuldade de lembrar-me do que na cidade eram queixas e angústias cotidianas. Sair da casa pela manhã, olhar as plantas, a estética da aldeia, as crianças, ouvir suas vozes raras e suaves, em tão lindo guarani, sentir o cheiro que somente sentimos ali produzia um efeito de fortalecimento e felicidade sem que nada precisasse ser dito. Dirigia-me à roda de chimarrão perto do fogo, junto à casa da família do líder. Javy ju. Mais um amanhecer nos acorda. Bom dia. E a vida era uma espécie de transe.

As idas ao viveiro, os ensinamentos sobre como posicionar o andar, porque cuidar dos excessos, porque acordar cedo, porque a água fria. Por vezes eu recebia atendimentos xamânicos. Palavras de aconselhamento sobre questões pessoais, sessões de cura com as mãos, algumas atividades do plantar também eram parte de práticas objetivas de ensinamentos. Mas, de fato, seria impossível isolá-las. Toda a vivência na comunidade, nas alterações que se produziam em meu corpo e pensamento, nos meus sonhos, valores, modos de existir, tudo era formação.

Eu tinha sonhos xamânicos maravilhosos. Milhares de borboletas coloridas e muita luz se desprendiam da minha pele. Um pássaro que voava muito alto e em grande velocidade, eu sentia como se fosse ele. Também passei a estar mais sensível a situações negativas que apareciam. Imagens que se formavam com a água da chuva nas madeiras da casa. Elas, mais rapidamente do que eu talvez o fizesse antes, me lembravam imagens que me sugeriam coisas ruins. Assim também o movimento das aves, da terra, do fogo, o que estivesse ao redor era elemento de diálogo. Estava tudo ali. Era só ler.

Também aprendi a pensar sobre o que é uma noite de intensa tempestade, como é estar perto dela e dos raios que caem na terra, junto à casa onde estamos. A vida realmente não é nada do que eu imaginava em algum andar alto de um prédio de um bairro de arquitetura e jardinagem planejada. As situações em que me deparava com animais e nomes de plantas que a todos (inclusive alguns brancos) pareciam banais, me eram muito surpreendentes e até escabrosas.

Mas era disso que eu estava falando. Anhetengua, nome da comunidade, anheté, verdade. Eu queria saber. Eu havia ido lá para isto.

Os guarani, tal qual Freud, não acham que se perguntar sobre o sentido da vida, quem somos e etc., seja um bom gesto ou quem sabe muito saudável.

Anheté, nos traz Menezes (2009), lhe foi ensinado pelo mesmo líder, é o que não se consegue destruir.

Em sua cultura, em sua língua, em seus corpos, modos e detalhes, os guarani me ensinavam incessantemente e sem legendas, sobre algo que não se destrói. Ligação com o ancestral? Tradição? Coletividade? Distância da dimensão do objeto, da indústria, do dinheiro? Outra lógica de pensamento? Sim, certamente e mais. Certamente uma estrutura interminável de caminhos que fazem com que os seres aflorem desse modo, e não de outros.

Eu creio que seu modo de ser guarde tantos segredos de sucesso quantos possamos passar o resto da vida nos dedicando a pensar sobre eles e compreendendo que nunca concluiremos. No entanto realmente penso que a cena fantasmática, aquilo para o qual nascemos, para o qual cada um precisa achar seu mapa, ela tenha elementos que são necessários identificar.

Aceitar a própria cena e as próprias responsabilidades desejantes, seus riscos e preços, termina por tornar-se a única saída. Dentro disto, dentro do caminho com os Mbyá, creio que cabe a mim algumas formulações, sim.

O povo Mbyá não se entrega. “Aqui se respira lucha”, diz a canção. Se o sucesso do fazer psíquico para Freud era o oposto da desistência, este povo, que funciona tão enraizado em sua condição de povo, e não de indivíduos que quase por acaso vivem em um mesmo território, tem ideais de aperfeiçoamento e lugares a alcançar em suas buscas espirituais que vetorizam as atitudes diante da vida e suas dificuldades de um modo muito especial.

“Eu vou conseguir tudo o que eu quero”, disse-me, certa vez, o líder. Ensinava-me sobre a luta política espiritual silenciosa, sobre quando morou seis anos em uma estrada com sua comunidade. Haveria ato de possibilidade mais eloquente? Confesso que não sou capaz de imaginar. “Passei frio, chovia em nós, passei fome”. Contava. “A gente não tinha sapato”. E aquilo não era

olhado por eles desde um lugar de falta. Aquilo era luta. Aquilo era Deus. Eram seus valores, suas crenças, o que nenhum branco teria para ensinar ou reproduzir para seus descendentes, provavelmente, se eventualmente atravessassem a mesma história. Ensinava-me sobre as aproximações, as técnicas de enlace e demarcação de limites, sobre a luta pelas terras, sobre como fazer uma manifestação, como cuidar dos laços e trocas, como pensar o amor, o casamento, as diferenças de cada um e também entre os homens e as mulheres, as convivências. Ensinava-me a olhar para a finitude e os modos de cuidar da vida. Corrigia interminavelmente minhas lógicas exclusivistas, latifundiárias, científicas e das muitas palavras.

Orientava-me para o usufruto da vida sob a ética da vida, da cautela com os excessos em absolutamente tudo. Para a busca de alguma pureza. Para uma posição de respeito e jamais de cobrança em relação aos mais velhos e, ao mesmo tempo, do entendimento de sua condição de semelhantes, filhos, por fim e na verdade, de um pai acima de todos, não encarnado. Portanto ensinava-me sempre e todos os dias sobre nossa incontornável condição de imperfeição. Se Deus fosse me dar uma nota hoje, que nota ele daria? Disse-me, um dia, um dos importantes professores da comunidade. A atitude dos Mbyá diante do universo se mostra bastante, nesta frase, em cada detalhe de seu cotidiano sobre a terra.

A primeira parte da minha aproximação com esse povo teve, como desdobramento, esse período de encantamento, que não deixou espaço para outro caminho que não o de irmos conviver e iniciar uma busca pelo entendimento muito inicial sobre o poder de vida que localizo nessa etnia e na crença da herança dela em cada um de nós. O que começar a aprender com eles sobre as raízes profundas e indestrutíveis das nossas terras, como conduzir nossos caminhos para a construção de outras filosofias e práticas de educação e saúde.

Após um ano e meio de trocas frequentes e mais esses seis meses de residência na comunidade, eu já não conseguia mais responder na velocidade e eficiência à altura do que talvez eu mesma ainda venha a fazer, ou que talvez esperassem de mim os guarani. Reconheci que algo implacável estava incidindo em nossas trocas e que eu já não conseguia mais avançar, nem eles. Alguns conflitos se exacerbaram, e um intervalo tornou-se legitimamente fundamental. Retornei para a cidade não sem consequências de diversos tipos para todos. Digo, trabalhos e desgastes de ordem física, objetiva e também subjetiva e afetiva.

Recolhi meus pertences, fechamos a casa e nos afastamos com a proposta de plantarmos novamente. Muitas semanas se passaram em que as tentativas de ambos os lados de interlocução e retomada reproduziam o mesmo fracasso, os tons de desacerto e as faces de atitudes que lembravam ora vingança,

ora chamado, mas, sobretudo, algo que não cedia. Uma das últimas frases que escutei antes de minha saída da aldeia foi a sugestão do líder de que eu escrevesse algo autobiográfico sobre aquele período de convivência.

Assumir uma interrupção de alguns meses foi necessário. As aprendizagens evidentemente eram elogiáveis, mas a desacomodação profunda com as lógicas da cidade e a violência do tentar, de uma vez, dar conta das lógicas de uma cultura originária faziam com que ambos os lugares fossem inviáveis. América que supera uma contradição, diz Kusch (2000). Seria o caso de permanecer na cidade, visitar comunidades às vezes ou permanecer por períodos e fagocitar o que viesse pela frente para fazer outra clínica, outra universidade? As pessoas que me demandavam escuta no consultório pareciam satisfeitas com as borboletas que a floravam das minhas leituras e trocas com elas. Elas pareciam estar se curando. A universidade me chamava para seguir as falas e publicações etc. Veio o pós-doutorado oficialmente. Mas, acima de todas essas frases, estava um mal-estar que, como toda a angústia, não mentia jamais.

Eu prossegui nas convivências dos seminários e imersões providas deste espaço com um ensinante guarani na universidade, Professor Vherá Poty. Também respondia a todos os convites de retorno à comunidade onde residi e encaminhamentos para outras que se colocaram em seguida. Mas como me avisaram uma vez: mesmo quando tu estás na cidade, teu espírito continua aqui conosco. Os Mbyá não eram uma comunidade apenas. Mas aprendi, nesse período de deslocamentos, que há sempre uma que é a nossa exceção. Há sempre uma que ao nos perguntarmos nos encontros de celebração de muitas comunidades, de onde tu vens? Respondemos que é daquela que viemos. “Eu sou da Lomba”. Aprendi que esta era frase indestrutível.

Os guarani são uma usina nuclear de sabedoria e força.

Não é banal encontrá-los neste mundo. Não é banal aproximar-se e, menos ainda, resolver os impasses de primeira. Eu havia atravessado muitas, realmente muitas passagens e enigmas e obstáculos. Mas aprendi que, na base do fantasma, existe um ponto que é a equação que nos faz resistir a resolvê-lo. O fantasma do colonizador, nesse caso, não era assim desarmado, para nenhum dos lados.

Reafirmei a eles que aguardaria um sinal do universo que nos indicasse que conseguiríamos voltar a trilhar o mesmo caminho juntos. Por desacreditar que essas coisas podem se antecipar no calendário, agendar em reuniões ou marcar uma hora para que um sonho, um riso ou uma emoção aconteçam, escolhi, como antes, contemplar. A sabedoria das lógicas da alma e da vida, tenho certeza, serão precisas nas respostas. Tenho certeza de que sulcos de soluções para essas equações se abrirão em nossos rumos.

No cotidiano na cidade, as aprendizagens das práticas de concentração, diálogo com a natureza e sinais de fora e dentro do próprio corpo, sonhos e intuições seguiram consistentes e se afirmando como se toda a formação seguisse simplesmente se dando. Como se os ensinamentos não tivessem sido interrompidos. Ao contrário, a sensibilidade e a complexificação de algumas elaborações sobre o que vivi com os Mbyá e modos de pensar que antes me eram inexistentes, seguiram como que, se colocando. Freud ensinava que uma análise era terminável e interminável. As curandeiras de locais como o México (FAGETTI, 2003), assim como pessoas de culturas originárias relatam, com frequência, que recebem ensinamentos dos deuses, aprendem pela própria cabeça e sabem por exercitar a vida, a imaginação, o sonhar.

Não me apressaria em fazer outros trilhamentos agora que não simplesmente do estar atenta ao que os próximos amanheceres trouxeram.

A universidade apresentou recentemente um desses amanheceres. Perguntaram-me se poderia caminhar com eles em uma questão a qual se dedicam sobre a infância e o modo desta entre os guarani.

Durante os dez anos em que caminhei com o grupo que recebia duzentos e cinquenta bebês por semestre para as práticas vocais, sonoras e musicais, dediquei muito a entender como a alma humana inicia.

Os ensinamentos guarani apontam para a Nheé, alma palavra, melodia que faz viver as coisas que vai se assentando durante a gestação e primeiro ano de vida da criança, tendo como momento de grande importância a cerimônia de revelação do nome.

Evidentemente respondi à universidade que seguiríamos então com este novo sinal e levei-o para os guarani para começarmos a conversar. Que particularidades estariam em jogo, com os guarani, no surgimento do humano?

Não diria coincidentemente em seguida a esta indicação, participando pela primeira vez de uma banca de trabalho de conclusão de curso na área da letras com pessoas que realizam contação de histórias com os guarani e se ocupam de questões sobre culturas orais, o trabalho que me trouxeram tratava dos mitos de fundação da cultura Mbyá e a oralidade.

De onde os guarani tiram o seu poder, era mais uma vez a questão que retornava na leitura de efeitos sensíveis que o texto em questão oportunizou. A força da voz, do som que faz viver as coisas, a memória, o simbólico que fortalece a vida é o elemento primordial desta cultura e do nascimento do humano com o qual interrompemos aqui para podermos prosseguir, mais tarde, em novos diálogos.

Cadogan (1992), sobre o fundamento da linguagem humana, nos traz nas primeiras estrofes:

El verdadero Padre Ñamandú, el primero,
De uma pequeña porción de su propia divinidad
De la sabiduría contenida em su propia divinidad,
Y em virtud de su sabiduría creadora
Hizo que se engendrasen llamas y tenue neblina.

Habiéndose erguido,
De la sabiduría contenida en su propia divinidad,
Y en virtud de su sabiduría creadora,
Concibió el origen del lenguaje humano
De la sabiduría contenida em su propia divinidad,
Y en virtud de su sabiduría creadora,
Creó nuestro Padre el fundamento del lenguaje humano
E hizo que formara parte de su propia divinidad.
Antes de existir la tierra,
Em médio de las tinieblas primigenias,
Antes de tenerse conocimiento de las cosas,
Creó aquello que seria el fundamento del lenguaje humano
E hizo el verdadero Primer Padre Ñamandú que formara parte de su propia divinidad.

Habiendo concebido el origen del futuro lenguaje humano,
De la sabiduría contenida em su propia divinidad,
Y en virtud de su sabiduría creadora,
Concibió el fundamento del amor.
Antes de existir la tierra,
En médio de las tinieblas primigenias,
Antes de tenerse conocimiento de las cosas,
Y en virtud de su sabiduría creadora,
El origen del amor lo concibió.

Dos ensinamentos sobre todos esses elementos que pude nomear até aqui, não hesitaria dizer que o amor é o aspecto mais alto da cultura Mbyá. Se pela natureza, pela vida, pela palavra ou pelo silêncio, pelos limites, pelas crianças ou pela própria e exclusiva possibilidade de cada um de estar e estar com, não esgotaríamos as hipóteses. Estou certa de que foi sobre isto que fui aprender em sua dimensão mais pura, sobre a vida com eles, ou sobre, como dizem os lacanianos, *desejar é verbo intransitivo*¹. O amor ao estar vivo e pulsar para desfrutar da existência é, por excelência, sabedoria milenar desse povo e lição última para a cura. Não poderia existir lei mais derradeira que esta para a justificativa de uma resistência e travessia de séculos na manutenção de uma civilização nos contornos em que esta foi capaz. Nas palavras de Castarède (2000), o amor venceu o ódio, e a vida venceu a morte.

¹ Título de curso ministrado junto à Escola de Estudos Psicanalíticos, coordenado pelos Dr. Mario Fleig e Dr. José Luiz Caon.

A língua Mbyá tem a palavra *Mborayú*, ela condensaria os sentimentos mais altos, tais como amor, respeito, compaixão. Seria como dizer Deus, nos ensina Silva (2013).

Nos capítulos mais dedicados ao primordial da clínica com a constituição da alma, nos casos de crianças que ainda não falam, por vezes, por terem desistido e se fechado sem grandes chances de realizar o caminho de volta, Laznik (1997; 2004), em sua obra *Rumo à palavra* e desdobramentos sobre o mesmo tema, em *A voz da sereia*, nos remonta ao texto lacaniano sobre um fato específico. O trecho menciona uma cena em que uma mão vai em direção a um fruto, a uma flor, a um objeto que flameja e brilha. Em seguida, descreve o que pode acontecer quando, por algum motivo, essa mão não consegue alcançar esse objeto. Diz que, no caso de, dentro deste objeto, sair uma mão que alcança a mão que não conseguiu alcançá-la, o que se dá aí é o milagre do amor.

Ela nos ensina sobre isto que, feito de linguagem, não necessariamente apenas verbal, ser aquilo que é a própria substância do que nos confere recurso para estar sensível e emprestar nosso corpo e aparelho de sonhar para o semelhante, afetando-lhe e, em seguida, abrindo caminho para que ele nos ultrapasse, feito de linguagem e, agora, criador também.

São os deuses que criam, mais que os homens, nas culturas originárias da América.

De qualquer modo, a linguagem e o amor, enquanto efeitos primeiros da sabedoria, estão em ambas as leituras, na origem do que faz viver.

Diversas foram as vezes em que Cacique Cirilo me perguntou o que era a psicanálise. Ao longo dos meses, também me disse algumas vezes que, então, a psicanálise e os guarani eram muito parecidos. Tenho certeza de que foram limites culturais que se impuseram em suas diferenças e não permitiram que as trocas prosseguissem no formato que estavam. No entanto a sabedoria criadora de fora e de dentro está sempre acima da vontade e das verdades, como ensinam os Mbyá, não cessam e os caminhos se fazem.

Tenho certeza de que a clínica e a universidade precisam prosseguir com os guarani para receber deles conselhos. Também passo a me interrogar sobre a função das aprendizagens com as ancestralidades dos povos e seu lugar crucial nas práticas profissionais de cura e educação, assim como a quantos povos mais, segundo os fantasmas de cada um, podemos perguntar sobre por onde ir.

Seguimos com os antigos e nas palavras escritas também.

Meus mais sinceros agradecimentos ao Cacique José Cirilo e à comunidade Anhetengua pelo universo que me oportunizaram.

Referências

BALBO, Gabriel. O trançamento do caso – escrita e apresentação de um caso a partir do enodamento do Real, Simbólico e Imaginário. In: A CLÍNICA PSICANALÍTICA E SUAS QUESTÕES CONTEMPORÂNEAS – Ciclo de conferências e discussões de caso, mar. 2012, Porto Alegre: Escola de Estudos Psicanalíticos.

CAGODAN, León. Textos míticos de lós Mbyá-Guarani del Guairá. *Boletim*, n. 227, Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, São Paulo, 1992. (Antropologia, n. 5).

CASTARÈDE, Marie-France. *Vocalises de La passion*. Psychanalyse de l'ópera. Paris: PUF, 2000.

DIDIER-WEILL, Alain. *A nota azul*. Freud, Lacan e a arte. Rio de Janeiro: Contra Capa, 1997.

FAGETTI, Antonella. *Los que saben*: testimonios de vida de medicos tradicionales de la region de Tehuacan. Puebla: Instituto de Ciencias Sociales y Humanidades, Benemérita Universidad Autónoma de Puebla, 2003. (Colección Medicina tradicional)

KUSCH, Rodolfo. *América Profunda*. Córdoba: Editorial Fundación Ross, 2000.

LACAN, Jacques. *O Seminário*. A lógica do fantasma. Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife, 2011. (Livro 14).

LACAN, Jacques. *Seminário 1*. Os escritos técnicos de Freud. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

LAZNIK, Marie-Christine. *A voz da sereia*. O autismo e os impasses na constituição do sujeito. Salvador: Ágalma, 2004.

_____. *Rumo à palavra*. Três crianças autistas em psicanálise. São Paulo: Escuta, 1997.

MENEZES, Ana Luisa; BERGAMASCHI, Maria Aparecida. *Educação ameríndia*. A dança e a escola guarani. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2009.

PAIN, Sara. *A função da ignorância*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

SILVA, Vherá Poty Benites. In: SEMINÁRIO DE EXTENSÃO DE IDIOMA E CULTURA GUARANI, 2013, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre: PPGEDU-UFRGS.

SILVEIRA, Viviane F. *Mba'é pa reipotá?* Me respondeu o povo guarani. 2013. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Porto Alegre, RS.

TASAT, José A. *El pensamiento de Rodolfo Kusch*: estar sendo em latinoamerica. Palestra proferida aos estudantes do PPGEDU-UFRGS, 2 dez. 2013, Porto Alegre, UFRGS.

ZUBERMANN, José. O fantasma na histeria e na neurose obsessiva. In: SEMINÁRIO CLÍNICA DAS FORMAÇÕES DO INCONSCIENTE NA HISTERIA E NA NEUROSE OBSESSIVA, 17 ago. 2013, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre: Escola de Estudos Psicanalíticos, 2013. (Palestra realizada para os psicanalistas em formação).

Recebido em 31 de abril de 2014

Aprovado para publicação em 6 de junho de 2015